



# RESENHA

## As bestas retratadas por Cláudio Assis

### The beasts portrayed by Cláudio Assis

**BAIXIO DAS BESTAS. Direção: Cláudio Assis. Produção: Júlia Moraes e Cláudio Assis. São Paulo: Imovision, 2007.(80 min.)**

*Sabrina Areias Teixeira<sup>1</sup>  
Sheila Maria Doula<sup>2</sup>*

---

1 Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. Esta resenha integra o trabalho de iniciação científica - Novos atores, outras imagens: a representação de conflitos rurais no cinema brasileiro atual - financiado pela Fapemig.

2 Doutora em Antropologia Social pela USP, professora do Departamento de Economia Rural da UFV e líder do Grupo de Pesquisa sobre Cultura e Políticas Culturais no Meio Rural (PAIOL)

Baixio das Bestas (2007) expõe uma realidade desumana vivenciada na zona da mata pernambucana, onde um povoado sobrevive de forma miserável em torno da monocultura de cana-de-açúcar. Os habitantes da localidade não questionam a situação precária em que estão inseridos e se acostumam com a estrutura vigente e com o bagaço da vida que lhes resta.

Em se tratando de uma obra cinematográfica de Cláudio Assis, diretor que teve sua estreia com o longa Amarelo Manga (2003), não poderia ser esperado outro resultado que não um filme desconcertante. Como Eviraldo, uma das personagens de Baixio das Bestas afirma: “no cinema tu pode fazer o que tu quer”. Cláudio Assis segue essa premissa e faz até mais do que deveria.

O choque e a crueldade estão explícitos em várias cenas, principalmente, as que envolvem a sexualidade e a mulher. O conflito de gênero é exposto em carne viva, num meio onde a mulher é vista como objeto de diversão, modo de se obter lucro e o que é ainda mais impactante, a exploração em um dos casos vem do próprio avô.

A primeira mulher em questão, na verdade, é ainda uma menina, Auxiliadora, de 16 anos, que é conduzida pelo seu avô, Heitor, até as proximidades do posto do povoado e desnudada para que homens da região lhe apreciassem em troca de alguns reais.

O avô, que, segundo alguns relatos no filme, também é o pai de Auxiliadora, explora a neta, exigindo que a menina exerça todas as atividades domésticas e à noite ainda exiba o corpo nu para voyeurs. A adolescente deveria cumprir todas as ordens de Heitor, pois, caso contrário, apanharia.



1- Auxiliadora é exposta pelo seu avô

Durante todo o filme, Auxiliadora quase não fala, restringe-se apenas a menear a cabeça ou proferir palavras monossilábicas ao seu avô que utiliza a neta como forma de sustento e a considera sua propriedade. Por isso, quando Maninho, um dos habitantes do povoado, começa a chamar pela menina, Heitor afirma: “Auxiliadora é minha!”, acenando para o que Muraro e Boff (2002) consideram o drama da cultura patriarcal, isto é, o fato da mulher ser considerada propriedade do homem.

Entre os apreciadores de Auxiliadora, estava Cícero, um jovem que desejava brutalmente a

adolescente. No dia que o avô da garota fica impossibilitado de levá-la ao posto, o rapaz a pega e, com um revólver apontado para a cabeça de Auxiliadora, exige que ela permita o estupro. Após o ato covarde, Cícero joga a menina no chão e a chama de lixo, demonstrando que a mulher é considerada um lixo, onde o homem deposita o seu prazer, sendo um objeto descartável.

Quando Auxiliadora chega em casa com a roupa rasgada, seu avô não a escuta e já vai logo lhe batendo dizendo que ela o havia traído. A menina consegue fugir e passa a se prostituir em um bar de beira de estrada, estando aos “cuidados” de uma cafetina.

Nessa perspectiva, é demonstrado que naquele local não havia futuro. O ciclo da opressão sexual permanecia inalterável como o ciclo da cana. Era necessário apenas encontrar uma forma de se enquadrar no cotidiano daquele povoado e tentar sobreviver.



2- Boias-frias indo para a colheita

A situação de Auxiliadora é a mais chocante no filme pelas circunstâncias em que está inserida, afinal ela é explorada por aquele que deveria protegê-la, mas as outras mulheres apresentadas em Baixo das Bestas não deixam de ser oprimidas e sofrerem abusos.

Na casa de prostituição, como já se espera, a mulher é considerada um objeto sexual, mas os homens que frequentam o prostíbulo da localidade, representados por Cícero e Everaldo, extrapolam ao buscar essas mulheres apenas para praticar o sadomasoquismo, agredindo verbalmente e fisicamente as prostitutas. Se fosse negado um pedido, essas mulheres eram estupradas e levavam socos e pontapés de forma extremamente agressiva. Quando não exploradas pelos clientes, também eram oprimidas pela cafetina, que exigia que fossem cumpridas todas as obrigações, caso o contrário, a sanção era

levar bofetadas e ser expulsa do local.

Atrelado ao conflito de gênero, está o de geração. Esse conflito mostra-se presente no modo como Heitor exige o respeito da neta e classifica a nova geração de homens do povoado. Para o avô de Auxiliadora, esses homens não tinham autoridade nem moral, diferentemente do seu tempo, em que “a rapariga tinha vergonha, o corno tinha vergonha, hoje não, virou foi moda.” Assim, há o saudosismo comum por parte dos velhos (Candido, 1977) indicando a falta de valores existentes naquela sociedade, mas o próprio Heitor não preservava esses valores embora sempre os frisasse.

A tradição e a modernidade também se confrontam na apresentação do Maracatu que, embora exibisse e preservasse a cultura local, como a própria letra da música dessa dança popular acena: “Eu hoje vou a Recife pra ver o pessoal, pra mostrar como se brinca no maracatu rural”, a apresentação do grupo de Maracatu na capital se adequava aos interesses da sociedade urbana e moderna que via no folclore daquele povo algo irreverente e uma forma de obter lucro.

As personagens que mais têm contato com a modernidade no filme são Eviraldo e Cícero, ambos haviam estudado em Recife, mas não utilizam essa modernidade vivenciada na capital para reverter a situação cíclica e atrasada daquele povoado, tendo em vista que esses jovens, ao invés de proporem alguma melhoria com os



3- Eviraldo e Cícero com uma das prostitutas

estudos obtidos, tinham como principal intuito aterrorizar a localidade, fumar maconha e se divertir. Essas personagens podem ser encaixadas na categoria de agrobóys, que podem ser vistos como novos atores que emergem no meio rural.

Segundo Guerra (2001) o termo agrobóys é utilizado para se referir a filhos de fazendeiros ricos no interior do Brasil que gastam dinheiro com mulheres, viagens e carros. Tendo tal categoria como os principais agentes durante o filme não se pode esperar outra realidade na zona da mata pernambucana do que a exposta em Baixio das Bestas. Afinal, em todo o filme a individualidade é preponderante,

ninguém se interessa em reverter os problemas encontrados, até porque aquela localidade girava em torno do engenho, da colheita da cana que ao exigir a multiplicação do esforço físico, só tende a atrofiar as formas coletivas de organização do trabalho e a possibilidade de uma sociabilidade mais viva e de uma cultura harmônica. (CANDIDO, 1977, p. 169).

Assim, mesmo que os habitantes do local soubessem da situação que Auxiliadora vivenciava, ninguém se manifesta para ajudar a menina. Os agrobóys são a representação dessa individualidade, abusam sexualmente das mulheres sem nenhuma culpa e chegam a atropelar um rapaz sem prestar socorro. A única personagem que ainda tenta servir o povoado é Maninho, que insiste em cavar uma fossa comunitária sozinho, mas não é sequer valorizado e ainda é tachado de desocupado.

Como um dos moradores do local diz: “Tá sentindo um cheiro estranho? É a podridão do mundo.” É essa a sensação provocada ao assistir o filme, perceber a podridão a que o interior brasileiro está submetido e que assim continuará se permanecerem atores sociais incapazes de pensar na coletividade.

Só lhes resta serem denominados de bestas, como expressa o título do filme, pois os habitantes da localidade vivem como bichos ferozes, no caso dos homens representados por Heitor, Eviraldo e Cícero; e animais que suportam resignados grandes cargas, caso de Auxiliadora e das prostitutas.



4- Cartaz de divulgação do filme

**Fontes de imagens:**

1- Disponível em: [http://vivonacidade.blogspot.com/2009\\_08\\_03\\_archive.html](http://vivonacidade.blogspot.com/2009_08_03_archive.html), acesso em: 28 mar. 2010.

2- Disponível em: <http://www.ufscar.br/rua/site/?p=429>, acesso em: 28 mar. 2010.

3- Disponível em: [http://mtroi.blog.uol.com.br/arch2007-07-01\\_2007-07-31.html](http://mtroi.blog.uol.com.br/arch2007-07-01_2007-07-31.html), acesso em: 28 mar. 2010.

4- Disponível em: <http://raining-frogs.blogspot.com/2007/07/baixio-das-bestas.html>, acesso em: 27 mar. 2010.

**Referências Bibliográficas**

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito* – Estudo sobre a caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 4ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 1977.

GUERRA, Luís. *A construção da identidade social e individual no léxico da língua inglesa*. Lisboa, Edições Colibri, nº 4, 2001, p. 209-214.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.